

SIMPÓSIO AT204

O TEXTO *FELICIDADE CLANDESTINA*, DE CLARICE LISPECTOR, E OS SISTEMAS DE CONHECIMENTO ACESSADOS NA INTERAÇÃO PRODUTOR-TEXTO-LEITOR

CRUZ, Vanessa Rita de Jesus
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
vanessalinguagens@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo realizar uma breve análise do conto *Felicidade clandestina*, de Clarice Lispector, considerando o quadro teórico da Linguística Textual, mais especificamente no que diz respeito aos sistemas de conhecimento acessados durante o processamento textual. A Linguística Textual é o campo da Linguística Moderna que tem como foco o texto. Surgiu no final da década de 60 e perdura até os dias atuais. Trata-se de um campo heterogêneo, que necessita rever constantemente os conceitos de texto e contexto. Ao abordarmos esses sistemas de conhecimento acessados durante o processamento textual, quais sejam: o linguístico, o enciclopédico e o interacional, conforme KOCH (1995), recorrendo a Heinemann & Viehweger (1991), pretendemos realizar uma análise que leve em consideração não apenas aspectos da ordem da coesão, ou puramente daquilo que diz respeito à coerência e à semântica, mas que pense também aspectos referentes à interação entre sujeitos e entre estes e o texto.

Palavras-chave: Linguística Textual; Texto Literário; Processamento Textual; Interação.

Abstract: The aim of this work is to make a brief analysis of Clarice Lispector's short story *Felicidade Clandestina*, considering the theoretical framework of Textual Linguistics, more specifically with respect to the knowledge systems accessed during textual processing. Textual Linguistics is the field of Modern Linguistics that focuses on the text. It emerged in the late 1960s and lasts to the present day. It is a heterogeneous field, which needs to constantly revise the concepts of text and context. As we approach these systems of knowledge accessed during textual processing, namely: linguistic, encyclopedic and interactional, according to KOCH (1995), using Heinemann & Viehweger (1991), we intend to carry out an analysis that takes into account not only aspects of the order of cohesion, or purely of what concerns coherence and semantics, but also think about aspects related to the interaction between the subjects and between these and the text.

Keywords: Textual Linguistics; Literary Text; Textual Processing; Interaction.

Introdução

A Linguística Textual, campo da Linguística Moderna que tem o texto como objeto, surgiu no final da década de 60, e desde o seu surgimento até a atualidade, o texto foi sendo visto de diversas formas. Ingedore Grunfeld Villaça Koch (1995) pontua que, mesmo dentro da Linguística Textual, o conceito de texto pode variar, dependendo do autor ou da orientação teórica abordada. O texto foi visto ora como uma unidade linguística superior à frase; ora como um conjunto de proposições semânticas; como uma sequência de atos de fala; como fenômeno psíquico ou como parte de atividades de comunicação, por exemplo, dependendo da orientação adotada (KOCH, 1995). Isso nos faz mencionar, mesmo que brevemente, as fases pelas quais a Linguística Textual passou. Em um primeiro momento (década de 60), a Linguística Textual estava presa às questões da sintaxe (foco nos mecanismos interfrásticos). Na década de 70, ela tem a sua segunda fase. Esta se voltou para a semântica. Ainda na década de 70, temos o desdobramento de uma perspectiva pragmática. Na década de 80, desenvolve-se a quarta fase, a chamada virada cognitiva. Nessa fase, texto é visto como um depósito e processamento de informação, ligado aos processos cognitivos. Após a década de 80, podemos falar de uma perspectiva sociocognitivo-interacionista.

Aqui, abrimos espaço para citar a “definição provisória” que Marcuschi, 1983, dá para a Linguística Textual e para o texto, que é o seu objeto.

Proponho que se veja a Linguística do Texto, mesmo que provisória e genericamente, como o *estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais*. Seu tema abrange a *coesão superficial* ao nível dos constituintes linguísticos, a *coerência conceitual* ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações em nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a *organização linear* que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão e, por outro, deve considerar a *organização reticulada* ou tentacular, não linear portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a

coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas (MARCUSCHI *apud* KOCH, 1995, p. 22-23).

Essa definição, como podemos perceber, implica noções de todas as fases pelas quais a Linguística Textual passou.

1. Os sistemas de conhecimento acessados durante o processamento textual

Como já mencionamos, abordaremos aqui os sistemas de conhecimento acessados durante o processamento textual, quais sejam: o linguístico, o enciclopédico e o interacional, conforme KOCH (1995), recorrendo a Heinemann & Viehweger (1991). Para tanto, consideraremos a definição da referida autora para texto:

uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos intencionalmente selecionados e ordenados em sequência, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais (KOCH, 1995, p. 22).

A definição acima envolve aspectos linguísticos, assim como aspectos semânticos, processos e estratégias cognitivos e mais, prevê a interação conforme aspectos socioculturais. Faremos uma análise que, ao comentar os sistemas de conhecimento acessados durante o processamento textual, leve em consideração não apenas aspectos da ordem da coesão, ou puramente daquilo que diz respeito à coerência e à semântica, mas que pense também aspectos referentes à interação entre sujeitos e entre estes e o texto.

O *conhecimento linguístico* diz respeito ao conhecimento gramatical e o lexical, articulando som-sentido. Por meio desse conhecimento, é possível organizarmos o material linguístico na superfície do texto, utilizando os elementos coesivos – tornando possível a remissão ou a sequenciação textual – e a seleção lexical que mais corresponda ao tema, por exemplo.

O *conhecimento enciclopédico* – ou conhecimento de mundo – corresponde àquele que está armazenado na memória de cada pessoa (pode ser conhecimento declarativo, ou seja, afirmações sobre os fatos do mundo; ou conhecimento procedural, isto é, modelos cognitivos que são adquiridos graças à experiência sociocultural e que, por meio dos quais, é possível levantarmos hipóteses sobre o que se refere o texto com base no título ou produzamos inferências que completem as lacunas deixadas na superfície do texto).

O *conhecimento interacional* diz respeito às formas de “*inter-ação através da linguagem*” (KOCH, 1995, p. 23). Envolve também os conhecimentos ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural. O primeiro torna possível o reconhecimento dos objetivos que um falante quer atingir em determinado ato de interação. Esses objetivos podem ser verbalizados ou podem ocorrer de modo indireto.

O segundo – conhecimento comunicacional – é aquele que se refere à quantidade de informação suficiente para que o interlocutor consiga captar o objetivo de quem produziu o texto; se refere também à seleção da variante linguística que mais se adequa a determinado ato de interação; e à adequação dos diferentes tipos de textos às diferentes situações comunicativas.

O conhecimento metacomunicativo permite ao produtor do texto evitar perturbações e resolver conflitos que possam ocorrer ou ocorrerem na comunicação, fazendo uso de repetições, correções, explicações, dentre outros, possibilitando o entendimento do texto e a aceitação dos objetivos.

Por fim, o conhecimento superestrutural, por meio do qual reconhecemos textos como integrando um ou outro tipo, o que distingue os vários tipos de textos. As definições desses conhecimentos foram feitas com base em Koch, 1995.

2. Lendo *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, considerando os sistemas de conhecimento acessados durante o processamento textual

O texto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, um dos contos que compõem o livro de mesmo título, é narrado em primeira pessoa e conta a

história de uma menina e de sua experiência com um livro que pertence a uma colega da escola, cujo pai era dono de livraria. Segundo a narradora, a menina pouco aproveitava disso, uma vez que nem no aniversário das colegas as presenteava pelo menos com um “livrinho barato” (LISPECTOR, 1998, p. 9). Ainda segundo a narradora, a menina deveria odiá-las, “nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres” (LISPECTOR, 1998, p. 9), justamente o oposto dela “ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados” (LISPECTOR, 1998, p. 9).

A narradora vivia a implorar à colega que lhe emprestasse os livros que ela não lia e nem se dava conta das humilhações a que era submetida por conta desse seu desejo de ler. Em uma ocasião, a menina lhe revela que tinha o livro *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, e que ela passasse em sua casa no dia seguinte para pegá-lo emprestado. No dia seguinte, lá estava a narradora na casa da colega para pegar o tão desejado livro, mas a mesma disse que já o havia emprestado para outra menina, mas que ela voltasse no dia seguinte para buscá-lo. O “plano secreto e diabólico” da filha do dono da livraria seguia. O “dia seguinte” perdurou por muito tempo. Todos os dias ela ia buscar o livro, mas sempre ouvia uma desculpa.

Aconteceu, porém, que um dia, enquanto ela estava na porta “ouvindo humilde e silenciosa” (LISPECTOR, 1998, p. 11) mais uma desculpa, surge a mãe da garota que não emprestava os livros, pede explicações e consegue compreender o que estava acontecendo e diz para a filha: “mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler! (...) você vai emprestar o livro agora mesmo” (LISPECTOR, 1998, p. 11). Em seguida, diz para a narradora: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser” (LISPECTOR, 1998, p. 11).

A menina pegou o livro, saiu andando, e não pulando como sempre fazia pelas ruas de Recife, segurava o livro com as duas mãos, “comprimindo-o contra o peito” (LISPECTOR, 1998, p. 12), que estava quente. Narra que quando chegou em casa, não começou a ler; fingia não possuir o livro, para “depois ter o susto de o ter” (LISPECTOR, 1998, p. 12). Depois de horas, abriu

o livro, leu “algumas linhas maravilhosas” (LISPECTOR, 1998, p. 12), fechou-o novamente, passeou pela casa, comeu pão com manteiga, fingia que não sabia onde havia guardado o livro, encontrava-o, abria-o:

Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. (...). Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. (...). Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante (LISPECTOR, 1998, p. 12).

Acima, fizemos um breve resumo do texto, para que possam compreender o enredo. Agora, elencaremos alguns aspectos pontuais que nos ajudem a compreender os conhecimentos que são acessados no processo de produção e leitura textual.

Acionamos o *conhecimento linguístico* para organizarmos o material linguístico e lexical do texto: a utilização dos meios coesivos disponíveis no texto em questão nos permite compreender a remissão (a retomada de informação que já foi dada): “Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos...” (LISPECTOR, 1998, p. 9); “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o” (LISPECTOR, 1998, p. 10), apenas para enumerarmos alguns exemplos, e a progressão textual (introdução de informação nova): “Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa...” (LISPECTOR, 1988, p. 11), a expressão em destaque pressupõe alguma mudança nos fatos que vinham sendo narrados.

A seleção lexical é feita conforme o tema que será abordado no texto: “devoradora de histórias”, “um pai dono de livraria”, “um livrinho barato”, “ânsia de ler”, “implorar-lhe emprestados os livros”, “era um livro grosso”, “havia emprestado o livro”, “a promessa do livro”, “pois o livro esteve comigo ontem”, “mas este livro nunca saiu daqui de casa...”, “E você fica com o livro...”, “recebi o livro na mão”, “segurava o livro grosso” (LISPECTOR, 1998, p. 9-12). De posse do resumo do texto em questão realizado acima, é possível percebermos que os trechos selecionados evidenciam a existência de uma

personagem que deseja possuir um objeto; evidenciam esse objeto e uma personagem que o tem, não usufrui do mesmo, mas também não o empresta.

Os modelos cognitivos que são ativados nos permite classificar o texto como um conto e não como uma história em quadrinhos ou um artigo científico, por exemplo, que exigiriam uma forma de escrita e de leitura diferenciada.

O *conhecimento enciclopédico* nos permite inferir, já a partir do título, que há a possibilidade do texto tratar de algo que provoca alegria, mas que não é considerado legal e lícito ou não é permitido. Com base na descrição das características físicas da filha do dono da livraria e da narradora e de suas colegas, podemos inferir que a menina se recusava a emprestar os livros porque odiava as colegas pelo fato de, fisicamente, terem uma beleza que, socialmente, é considerada mais aceita que a dela.

Por último, temos o *conhecimento interacional* que, como já dissemos, envolve os conhecimentos ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural. Poderíamos dizer que o conhecimento ilocucional permite que identifiquemos que um dos objetivos do locutor foi entreter os leitores e provocar uma reflexão sobre o sentido da felicidade. O conhecimento comunicacional ocorreu quando a produtora do texto utilizou informações em quantidade necessária para que o leitor fosse capaz de compreender o sentido e alguns prováveis objetivos do texto, utilizando uma variante linguística acessível aos seus possíveis leitores. No que se refere ao conhecimento metacomunicativo, temos ações linguísticas utilizadas pela produtora do texto, no intuito de garantir a compreensão textual e evitar possíveis perturbações: por exemplo, mesmo sem definir a expressão “tortura chinesa”, a sequência dos fatos narrados faz o leitor compreender que se trata da trama de um plano cruel por um longo período. O conhecimento superestrutural faz o leitor reconhecer o texto como sendo do tipo conto/crônica.

Todos os tipos de conhecimentos são importantes para o processo de construção de um possível sentido para *Felicidade clandestina*. No processo de interação, acionamos aspectos sintáticos – elementos coesivos –, semânticos – relacionados ao sentido e à coerência das partes do texto –, pragmáticos – o

texto foi escrito com alguma intenção e pretendia provocar no interlocutor algum tipo de reação –, psíquicos – o texto possui informações que precisam ser processadas, armazenadas e, possivelmente, divulgadas – e sociocognitivo-interacionistas – importa, também, para a compreensão do texto a interação entre produtor-texto-leitor, considerando a cultura, a vida social, o ambiente, portanto, o próprio texto representa o lugar da interação; o leitor pode partilhar e/ou compartilhar das sensações descritas no texto.

Considerações finais

No âmbito da Linguística Textual, toda e qualquer produção de texto é regulada pelo contexto pragmático. O contexto pragmático regula o que digo e como digo. Por isso, o produtor do texto, de posse da língua, ao escrever pretende agir sobre alguém com a finalidade de levá-lo a desempenhar determinada ação, podendo, ou não, atingir o seu objetivo. As escolhas dos temas, do léxico e dos elementos coesivos funcionam como estratégias que o produtor textual tem a seu dispor para alcançar determinado fim.

Não podemos deixar de pontuar que o sentido se constitui como a propriedade definidora do texto. Assim sendo, um texto só ganha existência

no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido (KOCH, 1995, p. 25-26).

Acrescentamos, ainda, que não teremos o sentido de *Felicidade clandestina*, mas *um* sentido possível.

Referências

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. O texto: construção de sentidos. In: *Organon* – Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Volume 9, número 23. Porto Alegre, 1995. p. 21-27.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.